

Lhasa muito terra-a-terra e a cabeça nas nuvens

Lhasa de Sela, a mexicana andarilha, esteve em Portugal para dois concertos, a finalizar a digressão. Nunca tinha deixado jornalistas entrarem no seu mundo privado, mas abriu as portas ao Y.

JOÃO BONIFÁCIO texto | PAULO PIMENTA e LUÍS RAMOS fotografias

Domingo, dia 5 de Dezembro, 15 h30. Lisboa está mais fria do que o habitual, não há carros nas ruas. Vira-se à direita na Av. Berna e uma rapariga nova, com óculos de massa e roupa cor de folhagem, acompanha a leitura de Heidegger com um balançar de pé que denuncia um estranho entusiasmo para quem escolhe passar um início de tarde nos Jardins da Gulbenkian a ler um filósofo criptico. Na pequena encosta há outra miúda, aparentemente mais nova, a fazer desenhos num caderno A5, enquanto à direita um casal com pinta de nórdico abre uma toalha branca com motivos vermelhos. O puto salta em cima da toalha e eles riem. Outro casal junta-se a eles enquanto uma rapariga, um pouco mais velha, encima a estátua do "Mar sem fim", de João Fragoso, mesmo junto ao pequeno lago. Chama-se Lhasa de Sela e tem fama de ser tímida. A máquina do repórter fotográfico de um jornal faz click e já está. Por enquanto. Três dias disto, sem parar. Pelo meio, canta.

Dez minutos depois está deitada em cima de um molho de folhas na outra (minúscula) encosta do jardim, em frente ao café. Vira-se de lado, de barriga para baixo, põe as folhas em cima, dizem que é tímida. Ainda há pouco tinha descido da estátua, trocado duas palavras com a "manager", depois as apresentações, ligeira conversa sobre a parte chata do trabalho, e a confissão: "Sinto-me mal com aqueles fotógrafos que me dizem 'põe-te assim' [coloca um ar altivo], 'e agora olha para ali com os olhos assim' [põe a cara de lado em relação ao corpo e semicerra os olhos]. Não é espontâneo." Está deitada de flanco em cima das folhas, uma última foto, já está. Por enquanto. Agora ainda faltam duas entrevistas.

"Lhasa, ne fais pas ça", diz Gina, quando a mexicana começa a apanhar as folhas do chão. Percebe-se que Lhasa não gosta de fazer as coisas como é suposto. Nada nesta rapariga pressupõe que se trate de uma estrela da "world music". "É um termo que dá jeito mas que não quer dizer nada", dirá a Carlos Vaz Marques, numa entrevista à TSF. "Não quer dizer nada", repete, de forma resoluta (esse lado de extrema convicção torna-se notório, ao fim de uns dias; David Savoie, o "tour manager", dir-nos-ia 3ª feira, em Fimalcã, no último concerto da digressão: "Ela sabe quem ama e o que ama verdadeiramente, e quem e o que não ama, tanto na vida como na arte. Lê imenso, conhece música que nunca mais acaba, adora cinema".)

"Lhasa, ne fais pas ça". Era a condição "sine qua non" para poderem fazer a sessão de fotografia assim: usavam as folhas que a senhora da limpeza tinha recolhido, mas depois voltavam a colocá-las no saco. Lhasa está contente por mexer nas folhas e vem aos saltitos até nós. Gina admira um cachorro que por ali passava e conta-nos que o filho mais velho ganha a vida como uma espécie de cabeleireiro de cães. Traz o mais novo, Tommy (que anda sempre a rondar), com ela, na digressão. Quando tentamos falar dela, fecha-se em copas. É a matriarca, Gina. Está com Lhasa há mais de dez anos, é ela que a protege de tudo: "Ficava à porta dos bares de Montréal a chamar as pessoas, dizia-lhes que se não gostassem dela devolvia-lhes o dinheiro". E depois: "Nunca tive de o fazer", e sorri, mãeira.

"Lhasa, ne fais pas ça." E Lhasa vem, olha o caderno, sorri: "J'ai un comme ça", que imediatamente tira da mala. Folheia-o e mostra-o: "é o meu diário, tenho pilhas e pilhas deles". Uma letra cuidada, redondinha e inclinada, depois fecha de novo o caderno e num repente: "Porque é que usas quadrículado? Não consigo escrever em quadrículado". Tímida, sim, e tensa, sim. A 22 de Agosto deste ano a TV5 passava um programa especial que lhe era dedicado e em que ela quase não abria a boca. "Ele [o entrevistador] estava muito nervoso. É muito filosófico e achou, por alguma razão, que comigo podia alongar-se." As mãos entrelaçam-se enquanto fala. "Foi tenso". E os dedos de uma mão de novo num rodilho de voltas pela outra mão fora.

"Lhasa!" e a mexicana agora está de cócoras junto a um lago a ver os patos-bébé. Tímida e tensa, sim, mas uma criança, ainda, a mexicana fatal. Custa a crer que a rapariga que ali está seja a mesma que canta "Llegará mañana/para el fin del mundo (...) mañana te mato". Gina ri.

qui est toi, Lhasa? Lhasa ri, Lhasa baixa a cabeça em mimo ou em vergonha, Lhasa saltita, Lhasa esconde as mãos, Lhasa tem 32 anos e "é muito adolescente", diz Vasco Sacramento, 27 anos, promotor de concertos e responsável pela vinda da andarilha a Portugal. E Lhasa "nunca fez isto". Isto, deixar um jornalista entrar-lhe na vida durante três dias. É notório que nunca está verdadeiramente à vontade, mas não esconde a curiosidade por saber que desperta curiosidade. Se

queremos falar, acede. Se não nos aproximamos, deixa-se estar. Assobia. Dá-lhe para assobiar imenso. À saída dos jardins da Gulbenkian, domingo, antes do concerto da Aula Magna, segunda-feira, no autocarro da comitiva em direcção à RTP, domingo. Aí assobiava Paredes, "Verdes Anos". A faixa que antecipa os concertos. A outra é "Rejoicing in the hands", de Devendra Banhart. "Adoro-o". São seis e tal da tarde, domingo, e estamos no bar do hotel. É tímida, sim.

Tímida, mas isso não impede que 2ª feira à noite, no "backstage" da Aula Magna ela beba, calmamente, um chá, enquanto conversa com Gina e com o Y. Depois faz yoga. Um movimento mais amplo, uma cintura das calças (as mesmas do dia anterior) que desce, uma camisola que sobe, e sim, Lhasa é bela. Nota que observamos, fuge mais para dentro do espaldar que faz as vezes de camarim. Por pudor limitamo-nos a espiar pelos espelhos. Lhasa não gosta do sítio: "c'est trop froid". Meia-hora antes do concerto as portas da sala abrem ao público que a lotará, mas as do "backstage" fechavam-se para os estranhos. Na 3ª feira Gina confessava que a frieza da Aula Magna incomodara a rapariga e que ela tinha sentido necessidade "de um momento zen". Mas não parece ser tique de diva — não os tem, pelo contrário —, quando muito será fruto de uma tensão que nunca a larga.

Em palco, em Lisboa e em Fimalcã, permanece imóvel, embora se veja um sorriso de quando em vez — tanto dirigido aos músicos como para si própria, quando o público reage bem. O público, aliás, reage sempre bem; em Lisboa, então a coisa estava ganha à partida. É que enquanto em Fimalcã ir ver Lhasa é ir ver um "evento", em Lisboa ir ver Lhasa é ir ver "Lhasa". Ambas as atitudes têm conotações sociais mas os contextos alteram-se: em Fimalcã, apesar do muito público do Porto (os mais novos), há famílias completas com patriarca a comandar as tropas e filhos e netos de tenra idade. Muita permanente e exagero de pintura. É um evento. Isto tem uma vantagem: a espontaneidade. Se se gosta gostase mesmo, se não se gosta paciência. Não há o perdão que o envolvimento com a personagem permite. Quando o concerto "acaba", antes do primeiro "encore", há gente, pouca, que sai. Em Lisboa não, em Lisboa (a "coqueterie" das vestes é imensa e gostar de Lhasa não exclui um ritual comportamental típico de uma burguesia supos-

tamente esclarecida) o jogo está ganho à partida e à terceira canção há ovação de pé. Suceder-se-á mais vezes e no final há dois encores. Porque, este tremendo culto?

o culto. Não sabemos o porquê, mas no final de 3ª feira Lhasa passa uma hora a dar autógrafos, no salão da entrada da Casa das Artes (local do concerto) e acontece de tudo: um homem (uma clareira no topo da cabeça, cabelos grisalhos, olhos grossos) que lhe entrega uma folha na qual está uma declaração de amor. Mais tarde vem-lhe pedir uma fotografia com a namorada. Um rapaz de barbas com ar de quem está a cruzar a barreira dos trinta pede-lhe uma cópia da "parábola do pai" que Lhasa lê sempre nos concertos. Ela acede, o rapaz explica-lhe: "Foi importante para mim, a parábola".

Às 21h20 de 2ª feira, um rapaz de 25 anos chamado Zé (mais nomes tivesse não nos quis revelar), sentado a nosso lado no bar da Aula Magna, dizia-nos isto: "Acredito nela. O que não acontece com os outros."

Lhasa sentada na Casa das Artes a dizer ao rapaz de barbas que o mais fácil é enviar a "parábola" por mail, surge o pai do rapaz, trocam "mails". Passou mais de uma hora desde o fim do concerto, não há mais ninguém à espera. Ela dirige-se para o "backstage", abre a porta, vira-se para trás e atira: "Tu viens? Boire une bière avec nous?" Talvez a timidez tivesse, ao fim de três dias, sido vencida.

Só que não é bem timidez: "Eu não, eu sou sempre séria".

São seis e meia da tarde de domingo. Lhasa vinha da RTP, onde dera uma entrevista em directo para o jornal da tarde. A apresentadora apenas se engana na dicção do nome da mexicana, na nacionalidade e no número de vezes que Lhasa veio em concerto a Portugal, isto numa só frase. "Television is always so strange", diz, agora em inglês (falar com ela é entrar numa Torre de Babel, faz-se uma pergunta em inglês, ela responde em francês, retorquimos em francês ela dá-lhe no espanhol, abalancamo-nos ao espanhol ela tenta arranhar português...), já cá fora, as mãos esguias segurando com o seu quê de "coquette" um cigarro. Mas não fuma — chupa-o, engole-o, quase. Não é tímida, é tensa. Não é apenas tensa, é "sempre séria", consciente de tudo o que a rodeia. Quando, às sete da tarde, Carlos Vaz Marques a entrevista durante mais de uma hora, está muito atenta >

reportagem



Foto: [unreadable]



LUS RAMOS

> às explicações que o jornalista lhe dá acerca do "modus operandi" da coisa, aquieste com a cabeça, as mãos torcendo-se. Tensa. E "sempre séria", respondendo a tudo, com a verdade, acredita-se que sim, que diz sempre a verdade.

Chega ao hotel vinda da RTP às seis e tal, no caminho vem a falar com Gina, sempre Gina, Gina segue-a para todo o lado. Depois, finalmente, falamos um pouco, conta-nos como foi a aventura de gravar um tema com os Tindersticks, confidencia que Stuart Staples está casado ("so hay casado ahora, mas vive com su mujer ha onze años"), e que os seus quatro filhos têm nomes começados por 'S'. E ri-se, de novo. Curiosamente, não é tímida a rir. David dizia-nos que "uma coisa que as pessoas não percebem acerca de Lhasa é que as canções dela podem ser muito tristes, mas ela pode ser muito... muito..." Joyfull? "Sim". Já tínhamos percebido.

Sobe, passa meia-hora no quarto, desce e diz que vai voltar lá para cima, para "lavar roupa". Dizemos-lhe que pode pedir aos serviços do hotel que lhe lave a roupa, mas ela diz que tem de ser ela a fazê-lo, e vira costas. "Lhasa." "Sim?" "Senta-te e fuma um cigarro connosco". E a tímida baixa a cabeça, pensa uns segundos e anui. E fala de Devendra. "Mandei-lhe um mail e ele respondeu-me. Disse-me que conhecia a minha música e gostava muito. E combinámos uma digressão pelos EUA." (Mais tarde diria a Carlos Vaz Marques que pretendia cantar uma canção árabe nos concertos a realizar nos EUA, porque era a sua única forma de fazer política.) Dizemos-lhe que Devendra tem a mania de dizer que não conhece quase música nenhuma. "Ele é muito 'playfull' nas entrevistas." Depois baixa a cabeça e ri-se de si mesma (embora com uma certa e indistigável agrura): "Eu não, eu sou sempre séria". Apaga o cigarro, e lá vai pela entrada do hotel, aos saltos, em direcção ao quarto. Lavar roupa.

on the road. "Nous sommes une famille", explica Gina na 3ª à noite, em Famalhão, e isso nota-se na forma como Lhasa se movimenta – não é uma estrela: durante três dias usa as mesmas calças, pese embora isso não esconda certos cuidados: as unhas bem tratadas, os gestos de alguém a quem nunca ensinaram as obrigatoriedades de um comportamento sedutor. E o ar sempre de menina: risinhos, ganchos (quatro) no cabelo, descalça pelo palco durante os ensaios (mas sabe o que quer e é ela que define o som ao milímetro e ninguém discute as suas decisões). Nunca sobe o tom de voz, nunca se irrita. Fosse uma qualquer rapariga e dir-se-ia a namorada de liceu ideal. Depois sobe ao palco e é como se o vestido e os sapatos prateados de salto alto não lhe servissem. E o tempo todo Gina e David a protegê-la, como se protege uma miúda frágil fora do seu meio: "Nous sommes une famille", e sim, parecem sê-lo.

"And a little bit absent", dizia alguém. Nem tanto: antes do concerto perguntávamos a Melanie, a violoncelista (que traz, para uma digressão de 80 concertos, o namorado com ela e andam sempre juntos para todo o lado) como é que ela se tinha lembrado de tocar cavaquinho. "Comprei-o em Coimbra, da outra vez que viámos cá, porque gostei muito do som", diz ela. Vasco Sacramento complementa: "Na altura apostei com ela que ela não conseguia aprender a tocar". Agora usa-o em todos os concertos. Melanie é uma simpatia. E é, com Mario Legaré, o contrabaixista, a mais faladora.

"Marítima de Xabregas", em Lisboa, domingo à noite: Legaré pede-nos uma lista de vinhos para levar de volta ao Canadá. No dia seguinte, no "backstage", lá estão alguns desses vinhos. Ao lado, dois tipos de saladas: Lhasa é vegetariana convicta. E tem um ritual: nunca come antes dos concertos. Faz o seu yoga e fica em silêncio. Hoje, 2ª feira, com



montréal de sela

Lhasa de Sela pode ser a estrela e ter um universo, mas isso não quer dizer que os músicos que a acompanham não tenham o seu mundo. Vários têm discos em nome próprio, e o Y deixa aqui um retrato do que os "sidemen" da mexicana andam a fazer.

Mais ainda, descobrimos que em Montréal há uma cena musical "activa", com "uma indústria própria", "independente das majors", isto segundo David Savio, o "tour manager" de Lhasa. "Vimos todos de Montréal", contava-nos David, menos a própria Lhasa, "só que ela mora lá há doze anos".

Montréal, então, a cidade do Quebec (Canadá) onde Lhasa construiu carreira. "Tem um milhão de habitantes, mas com os arredores passa para três milhões". É "ensolarada, quer dizer, mais que Paris mas menos que Marselha."

Benoit Diout, técnico de som, dizia-nos que os "quebequians" se podiam identificar com os portugueses porque "on est toujours les losers". David não concorda: "Pas losers, non. Não tem a melancolia que há aqui." Mesmo assim: "historicamente, perdemos a guerra com os ingleses e só a partir da década de 60, quando se voltou a ensinar o francês, recuperámos o nosso orgulho. Os quebequenses têm orgulho na sua ligação a França. Não somos americanos." Não tem dúvidas: "a França é a nossa mãe-Pátria". "Montréal é única. Essa 'situação francesa' confere-lhe uma vibração diferente. Temos o nosso mercado, as nossas estrelas, teatro, o teatro sai muito para França, o que, à excepção de Lhasa, não acontece muito na música, temos a dança: a dança é importante, as nossas companhias viajam pelo mundo inteiro." E a música? "Muito activa. Mas o mercado é pequeno. Mesmo assim, são as independentes nacionais quem vende mais. Infelizmente ainda não há muita exportação para França." Há, como em todas as grandes cidades, "uma cena rock'n'roll, bandas conhecidas que passam em tournée, uma taxa obrigatória, nas rádios, de 16 por cento de música nacional, e o grosso que se ouve é cantado em francês" – quando David se refere a música nacional está a falar em "hip-hop, electrónica, folk, contemporânea, tudo". Retrato de Montréal com Lhasa em fundo, a imagem possível do Quebecue confirmando o ecletismo dos "outkasts".

Yves Desrosiers, "Volodia". Era o senhor que compunha a maior parte de "La Llorona", o álbum de estreia de Lhasa. Em "Volodia",

disco de 2002, algures entre Breil e os 16 Horsepower, o mundo de Desrosiers é uma expansão do universo construído com Lhasa, com um tom menos feiteiro, já que falta a voz da mexicana. Valsas em decadência, ciganadas, poesia andariha, percussões roubadas ao ferro-velho, acordeões, cordas em lento acicatar da ferrugem intestinal e a voz cava de Desrosiers a desunhar-se por entre trompetes moribundos, guitarras cambaleantes e vibrafobes de fancharia. Um circo de magia negra, mulheres de vestido de alças e cabelo desgredado com a sifilis a sorrir ao canto da boca, um cabaret folk ancorado em compassos ternários. O piano, claro, andou a beber às escondidas. A lap steel guitar ainda lá está. Belo disco.

Plaster, "First Aid Kit". Primeiro EP do duo do pianista de Lhasa, Alex McMahon. Move-se em terrenos da electrónica, com travos pop e basculação funk. Vai deixar Lhasa para se dedicar ao primeiro longa duração – mas há pomenores a afinar: se nos melhores momentos a coisa anda pelos lados das aventuras dos 4Hero, por outro lado ainda há aqui pomenores imberbes, como a faixa de abertura em que se sampla um discurso de George W.

Mélanie Auclair, "Puce à l'oreille". Mélanie é a violoncelista de Lhasa, mas não é no mundo das canções que se sente bem, antes nas margens lívias das linguagens "free". "Puce à l'oreille" tem tanto de indulgente como de estranhamente belo, em particular em faixas como a mahleriana "7" (não há títulos aqui), oito minutos de cordas sonâmbulas distorcidas por pedais e a porcelana da guitarra em debruados oníricos. Uma pequena surpresa.

Magneto, "Magneto". Projecto dos dois cinquentões, Mario Legaré, contrabaixista e baixista de Lhasa, e Rick Haworth, guitarrista. Ambos fizeram parte das sessões de gravação de "La Llorona". David Savio dissera-nos que este era o projecto mais clássico, mas é um exagero: não há aqui canções, antes um psicadelismo etéreo, que tanto pode ganhar cores mais afunkalhadas como descobrir o arco-íris nas muralhas de uma guitarra. Às vezes adiciona-se uma voz feminina e coisa tem tanto de 4AD dos anos 80 como de classicismo por via das cordas. E aqui e ali até se vai ao pós-rock. Nada mau para dois velhadas.

Acredito nela. O que não acontece com os outros. ZÉ, 25 ANOS

uma "senhora de óculos, baixinha, cabelos compridos e grisalhos. É a mãe de Lhasa. Vem para passar uma semana de férias com a filha, depois da digressão que acabou em Farnalício. Quase nunca a vemos falar.

O que não quer dizer que sejam silenciosos ou distantes: domingo, ao jantar, depois de uns minutos de estranheza a conversa flui. Primeiro os vinhos, depois uma discussão acerca da origem do bacalhau (eles a cismar que vinha do Canadá), depois Melanie a justificar que fumava Fortuna para não comprar produtos americanos, lá se fala de política e, de repente, aparece biolo e cantoria. Mario faz anos. Mario não faz anos. É uma cena que

reportagem

fazem, todas as semanas, quando em digressão, para se divertirem com os empregados dos restaurantes. À saída, Benoit pergunta: "Fumas outras coisas além de tabaco?". Explicamos-lhe que em Chelas pode encontrar tudo o que quiser, mas perante a descrição do que pode encontrar prefere outras vias. No dia seguinte, durante o ensaio, vem ter connosco e, feliz, sussurra: "Consegui arranjar haxixe para todos. No Bairro Alto. Foi fácil."

Isto também não quer dizer que tudo seja sempre tão relaxado. Na 2ª feira, às 19 horas, havia certa tensão no ar: o violoncelo tinha chegado com uma peça partida, o motorista tinha-se atrasado e Lhasa não conseguiu cumprir os horários (uma entrevista com o Top + em que, imaginativamente, lhe pediram uma mensagem de Natal para os portugueses). Resultado: "backstage" fechado a partir das 21h e Lhasa a querer o seu momento zen.

Mas na 3ª noite, tudo estava mais calmo. David diz-nos que gostariam que nos juntássemos a eles no fim do concerto. É o último da digressão, Alex McMahon, o pianista de 22 anos com pinta de espertalhão despede-se da banda nesta noite. O namorado de Mélanie faz anos e há cantoria. Gina conta-nos como conheceu Lhasa: "Trabalhava numa rádio em Montréal e todas as semanas tínhamos um projecto novo a ir lá tocar. Uma vez Yves [Desrosiers, o guitarrista que decobriu Lhasa e que co-compôs o primeiro disco da mexicana] apareceu com ela. Foi amor à primeira vista. Depois deixei a rádio para trabalhar com ela."

Mario conta-nos a sua versão: "Estava a trabalhar com Desrosiers e com outro artista, ia numa

carrinha com ele e ele pôs uma cassette dele a tocar com ela. Achei aquela voz lindíssima. Quis logo trabalhar com ela". Depois conta como foram os primeiros tempos: "Ao princípio ela era um pouco tímida, mas foi sempre fantástica. Tudo aconteceu sempre com a maior das simplicidades. Escrevia ali: a Lhasa é muito terra-a-terra e a cabeça dela anda sempre nas nuvens. É fantástica, percebe? Humilde, mas fantástica."

"Nunca me senti um pedaço da máquina", diz Lhasa a Carlos Vaz Marques, "sempre me senti única". Não sabemos quem Lhasa é, apenas nos recordamos que nos disse que "antes achava que havia superioridade em ser feliz. Agora estou a aprender que posso cantar e que a felicidade também faz parte do processo". Não sabemos quem Lhasa é mas eles, eles são uma família

FAZ DA ARTE O QUE QUISESER

Rua do Açúcar 14H00 / 19H00

Encerra segundas e feriados